Mauricio Matta

ORVALHO

Reflexões sobre a Existência



Copyright © 2024 Mauricio Matta

Capa, revisões e diagramação: Luciano Quemello Borges

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Matta, Mauricio
Orvalho : reflexões sobre a existência / Mauricio Matta. -- 1. ed. -- Guaratinguetá, SP : Ed. do Autor, 2024.
ISBN 978-65-01-16945-3
1. Poesia brasileira I. Título.
24-229913 CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Poesia : Literatura brasileira B869.1
Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Todos os direitos desta edição estão reservados ao autor

Esta obra foi produzida pela:



Leggero Serviços Editoriais
@leggerolivros

MAURICIO MATTA

ORVALHO

REFLEXÕES SOBRE A EXISTÊNCIA

1A EDIÇÃO
2024
GUARATINGUETÁ/SP

Prefácio

Com imensa satisfação permeada pelo peso da responsabilidade, recebi o convite do meu amigo, Maurício Matta, para prefaciar sua mais nova obra.

Já havia lido o livro anterior (“O Teu Coração é o Sol”) e, portanto, vislumbrava a qualidade do texto que receberia. Assim, não foi surpreendente o fato de que, por mais improvável, o novo livro (“Orvalho”), a meu ver, conseguiu superar o primeiro. A qualidade extremada de “O Teu Coração é o Sol” tornava difícil imaginar que algo melhor ainda pudesse nos ser entregue pela pena do autor.

No entanto, é perceptível que, para além da estética textual admirável e do conteúdo marcado por uma profundidade filosófica e espiritual, já presentes na obra antecedente, Matta agora traça uma linha temática bem definida e desenvolve pensamentos convergentes sobre a questão do “ser” e do “existir” independente do subjetivismo em que se submergiu a cultura, especialmente a moderna. Diz um sonoro “não” ao racionalismo kantiano. Responde, indiretamente (Ou seria diretamente, mesmo sem a formular de forma expressa?), à questão filosófica sobre se quando uma árvore cai na floresta sem ninguém por perto para ouvir e ver, ela realmente cai e faz barulho (George Berkeley)? Sua resposta é agora um estrondoso

“sim”. O “ser” precede à percepção e à razão e não necessita delas. As coisas existem sem dependerem da subjetividade humana. Descartes errou ao afirmar: “Penso, logo existo” porque o “ser” precede a consciência e a razão. É preciso reformular: “Existo, logo penso”.

Este texto que tenho a honra de apresentar se afasta, sábia e prudentemente, da guinada de interesse filosófico pelo universo físico exterior para a percepção subjetiva humana. Essa mudança do eixo de atenção filosófico ocorre mais intensamente no Renascimento (entre os séculos XIV e XVI). O interesse pelo universo objetivo é substituído pelo interesse quase exclusivo no “sujeito”. Essa alteração filosófica e epistemológica radical produz seus frutos venenosos de alienação até os dias de hoje, razão pela qual aqueles que conseguem, como Matta, escapar a esse redemoinho alucinante, têm muito a colaborar para a recuperação da compreensão adequada da interação entre objetivo e subjetivo, sujeito e objeto e, especialmente, entre o concreto e o abstrato, o ideal e o real, o material e o espiritual. Sem essas interações devidamente ordenadas numa mediania virtuosa é praticamente impossível impedir a descida da humanidade para a barbárie, a ilusão e a desorientação.

Intenta e consegue o autor descortinar o espírito que sopra em todas as coisas. Seu simbolismo e sua sensibilidade quando se utiliza diversas vezes da imagem e dos sons dos pássaros ao longo deste trabalho, demonstra

sua intimidade com os signos da sabedoria, da leveza, da liberdade que acompanham o recurso aos pássaros na cultura humana. Os pássaros são apresentados nas mais variadas manifestações culturais, religiosas e espirituais como mensageiros, psicopompos (guias das almas). Sua leveza, sua vida livre e a capacidade de voar e sobrevoar o mundo são realmente oportunas para todo esse simbolismo muito bem captado e manejado por Matta.

A beleza da liberdade que permitia em “O Teu Coração é o Sol” o passeio da alma e do intelecto do autor por variadas sendas sem o apego a um “leitmotiv” específico, agora se converte em um voo de via tracejada sem perder a liberdade aventureira dos que se lançam no vazio para encontrar seu caminho rumo à originalidade de uma sabedoria forjada na independência de quem encontrou autonomia, encarando a realidade e a busca da Verdade de forma honesta e sincera.

Cada palavra, cada frase, nos remete à substância da alma humana em harmonia com a alma do mundo, das coisas, dos seres, do universo. E nesse enredo de sintonia fina entre o Ser e os seres, "Orvalho" exsurge como um aceno à reflexão e à sensibilidade.

A delicadeza do orvalho é símbolo da formosura das pequenas coisas que amiúde nos escapam. O orvalho se origina no seio da noite, no côncavo do silêncio, sob as leis da fragilidade natural. Quando amanhece ele apresenta seu frescor que remete a um recomeço cíclico. É como um

recado da natureza apontando para o fato de que por mais árduo que seja o caminho, haverá sempre a esperança de um renascer, de uma renovação. A boa – nova divina se nos mostra a cada amanhecer na eloquência muda da natureza, porque se "no princípio era o Verbo" (João 1,1), significa que a palavra, o falar divino se diz nas coisas e nas pessoas. As coisas e as pessoas, por sua nua existência falam da e na divindade, ainda que na mudez, ainda que no silêncio, e falam muito claramente para quem as saiba ouvir. Na palavra, o material e o espiritual se juntam num laço indissolúvel. Sim, Deus é o mundo, mas o mundo não é Deus. Matta conjuga a matéria e o espírito sem se deixar cair no panteísmo imanente e materialista e muito menos em algum niilismo ou maniqueísmo.

Tomás de Aquino compreendeu esse recado divino do Ser que subsiste por si mesmo, Daquele que simplesmente "é" e mantém tudo o mais na existência ("Ipsum esse subsistens"). E então podemos experimentar a sensação de estarmos sempre vivos, diante da noção inequívoca (embora misteriosa) de vivenciarmos uma breve existência entre duas eternidades. Podemos nos entregar, nos render a uma "inteligência inconcebível", mas operante, indelével, mas perceptível a todos que se permitam sair de si mesmos e superar a imanência.

Entre as linguagens poética, retórica, dialética e analítica (Aristóteles) a primeira exige do autor a sensibilidade de encontrar nas coisas mais simples,

pequenas e consideradas banais, o encanto oculto em seus meandros e vãos. Isso faz Matta com maestria em seu "Orvalho".

As reflexões que compõem a obra que tenho agora a honra de prefaciar são uma elucidação da nossa humanidade e universalidade (abarcando o uno no diverso), uma convocação à introspecção e, concomitantemente, à abertura para a vida, para a realidade concreta do agora, da experiência com aquilo que existe independentemente de nossos sentimentos, desejos e percepções. Trata-se daquilo que Platão e Erik Voegelin chamaram de "metaxy", ou seja, a condição permanente da vida que consiste no fato de que estamos imiscuídos na realidade entre o imanente e o transcendente, num entremeio tensional de busca pelo segundo. Nesse movimento da alma é possível constatar toda a graça e a beleza que mora na vulnerabilidade e transitoriedade da vida terrena. Pode-se transcender para uma vida concreta em oposição a quaisquer idealismos, uma eternidade não projetada para diante, mas conhecida e vivenciada por presença imediata.

Matta, em "Olhar Desavisado", ensina que o devir mundano nos confronta com a impermanência e nosso maior erro é pretender resistir a essa correnteza indelével de mudanças. É preciso integrar-se no todo e aproveitar a liberdade ocasionada pela nossa capacidade de reconstrução (Texto "Oportunidade"), somente possível no